



Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação
Fazenda Ubá

código
AII-F13-Vas

localização
Rodovia BR-393, Ubá, Andrade Pinto - 3º distrito de Vassouras

município
Vassouras

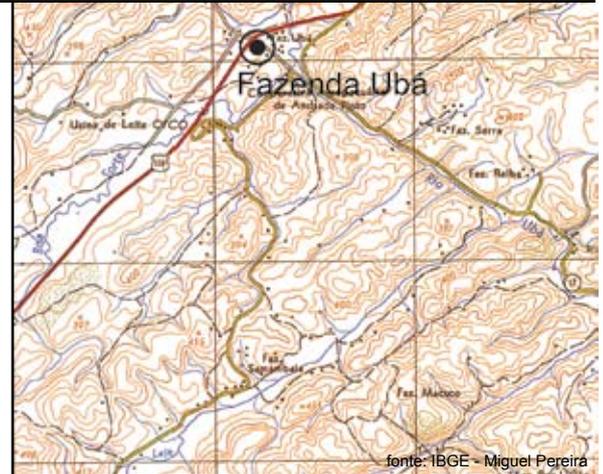
época de construção
início do século XIX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
sítio de recreio / cana, café e pecuária

proteção existente / proposta
nenhuma

proprietário
particular



Fazenda Ubá, fachada principal

coordenador / data **Iracema Franco / mai 2009**
equipe **Iracema Franco, Domingos Espíndola de Aguiar, Bruno Rodrigues**
histórico **Adriano Novaes**

revisão
Coordenação técnica do projeto



situação



ambiência

A Fazenda Ubá está localizada em Andrade Pinto, 3º distrito do município de Vassouras. Seu principal acesso, hoje, se faz pela rodovia BR-393. Para quem vem de Paraíba do Sul em direção a Vassouras, a entrada fica cerca de 4 km depois da entrada para Andrade Pinto, à direita. Deste ponto, segue-se, já em terras da fazenda, em estrada de saibro, arborizada, que atravessa por baixo da rodovia seguindo a direção sul (f01 e f02). O relevo é plano com ondulações suaves, onde se avistam grandes áreas de pasto. A vegetação, que é notada ao longo da estrada, adensa-se nas proximidades da sede.

Passando a porteira, percebe-se imediatamente que o entorno da sede passou por um tratamento paisagístico primoroso, que integrou os bosques de vegetação exuberante aos extensos gramados com alamedas arborizadas (f03 à f05).

Nos jardins em volta da casa, as touceiras de folhagens ornamentais se harmonizam com árvores centenárias. No pátio lateral foi instalada uma piscina e no outro pátio, confinada entre alas, uma pequena fonte antiga serve de adorno (f06 à f08).



01



02



03



04



05



06

Os antigos terreiros de café cederam seu lugar às quadras esportivas, mas permanecem marcados por suas canaletas de drenagem. Aliás, a rede de canaletas de drenagem das alamedas, o calçamento em pedra em torno da casa e dos jardins denotam o conhecimento tácito de nosso clima, e foram responsáveis por amenizar os desgastes do tempo (f09 e f10).

Ainda avistam-se os antigos silos, mas as senzalas e demais construções que ficavam próximas à sede foram demolidas.



07



08



09



10

A varanda monumental, típica de construções rurais do século XVIII, que acompanha toda a frente e as laterais da casa-sede é a característica mais marcante deste casarão. Mesmo tendo a casa passado por várias reformas, este elemento foi preservado (f11, f12, f13, f14 e f15).

Sua implantação aproveita o desnível natural do terreno dando origem a mais um pavimento na parte posterior da casa. Originalmente, sua planta era composta apenas pelo corpo principal retangular, que abrigava toda a parte social e íntima, tendo ao fundo o setor de serviços, formando um “T” com o resto da casa (f16 e f17).

Posteriormente, segundo o desenho das plantas anteriores, foram acrescentados banheiros (fora do alinhamento da casa), tendo sido o setor de serviços ampliado, transferindo a lavanderia, a despensa e os quartos dos empregados para uma nova edificação, construída nos fundos da sede original.

Na última reforma, os banheiros foram demolidos, assim como as construções anexas de serviço. Os novos banheiros foram inseridos no corpo da casa e o setor de serviços deu origem a uma nova ala, que incluiu a cozinha e a copa, novos quartos e um pavimento superior, onde foi instalada a lavanderia. No pátio lateral de fundos, foi construída uma piscina, e sob esta e a nova ala foram construídos garagem, canil, depósitos e os quartos dos empregados (f18 a f20).



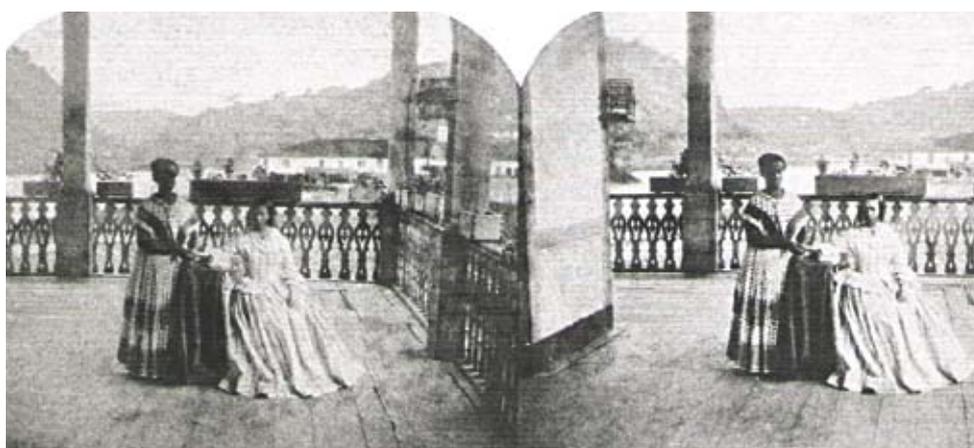
11



12



13



Fazenda Ubá, Vassouras. Fotografia de Revert Henrique Klumb, 1860 (acervo particular).

14



Fazenda Ubá, Vassouras. Fotografia de Maria Werneck, c.1950 (acervo particular) 15



16



17



18



19



20

A fachada principal tem ao centro uma escadaria em semicírculo (f21) que dá acesso à ampla varanda aberta, com guarda-corpo de madeira recortada. Um grupo de onze portas duplas de duas folhas cada, em madeira almofadada (f22), dão ritmo a fachada e permitem acessos múltiplos e independentes, integrando os vários aposentos à varanda e estes ao jardim de árvores frondosas (f23 e f24).



21



22



23



24

Na lateral esquerda, a varanda termina em uma singela capela, com altar de caixão em dois patamares, decorado com frisos azuis e dourados (f25 e f26).

Em frente à escadaria, três portas abrem-se para a grande sala de estar. Seu pé direito é particularmente alto, percebendo-se a diferença térmica, em relação ao exterior, de alguns graus quando se entra no recinto. As fartas aberturas das portas e a ventilação cruzada contribuem também para o conforto ambiental neste ambiente (f27 e f28).



25



26



27



28



29

À direita, estão localizados quartos, suítes, sala íntima e sala de jogos. Outra sala íntima e mais quartos e banheiros estão localizados à esquerda. No eixo da sala de estar, um corredor permite o acesso à sala de jantar e, ao final desta, duas portas ligam a parte antiga à ala nova (f29).

A sala de jantar possui acessos pelos dois lados. O acesso lateral esquerdo, recoberto por um pequeno alpendre, fica contíguo ao amplo pátio com piscina, e o acesso oposto, também alpendrado, dá para o pátio estreito entre duas alas da casa onde fica o chafariz de pedra (f30 e f31).

Passando a sala de jantar, já na ala nova, temos a cozinha, moderna e com capacidade para atender às demandas das festas concorridas. Ao final da cozinha, encontra-se uma copa ampla, protegida por guarda-corpo semelhante ao da varanda frontal, complementado por barras verticais inteiriças de madeira com seção quadrada, à moda das cozinhas bandeiristas (f32).

O embasamento do casarão é marcado na fachada por um friso horizontal abaulado em pedra, prolongamento natural da soleira da varanda. Sua altura é variável em função do desnível do terreno (f33 à f36).



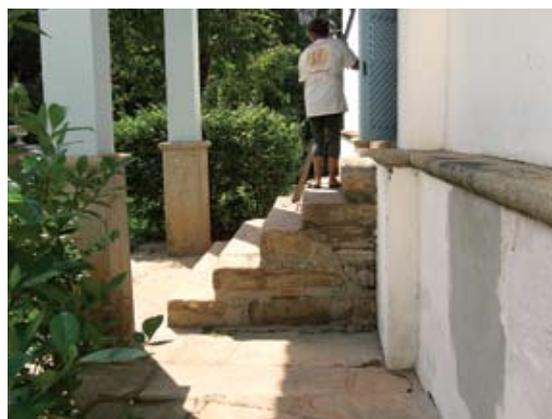
30



31



32



33



34



35

O telhado, em telhas capa e canal, tem beiral largo com fechamento em cimalha de madeira pintada (f37). Os pisos da varanda e os internos, nas partes antigas, são de tábua corrida, sendo em cerâmica decorada na ala nova. Os forros do teto da ala antiga são em madeira, no sistema saia e blusa, porém, o da sala de estar principal acha-se trabalhado em pronunciada gamela, acompanhando as inclinações do telhado (f38 e f39). Todas as esquadrias (portas e janelas) e o guarda-corpo da varanda (f40) são em madeira pintada em azul claro. As janelas possuem guilhotinas internas em caixilhos de vidro e folhas de abrir externas em treliça de madeira com desenho singular, além de cercaduras em madeira pintadas na cor tijolo (f41).



36



37



38



39



40



41

A casa-sede está muito bem conservada. Nas alterações ocorridas buscou-se adotar padrões próximos aos originais, por vezes dificultando a distinção entre o antigo e as intervenções recentes (f42 à f47).



42



43



44



45



46



47

Quanto ao acréscimo de mais um pavimento na ala nova, cabe ressaltar que esta interferência, na fachada principal, foi minimizada, posto que a linha de cumeeira do telhado do corpo original é mais alta (f48). Da mesma forma, observa-se a preocupação de se manter a volumetria da construção e preservar as características de sua varanda (f49 e f50).



48

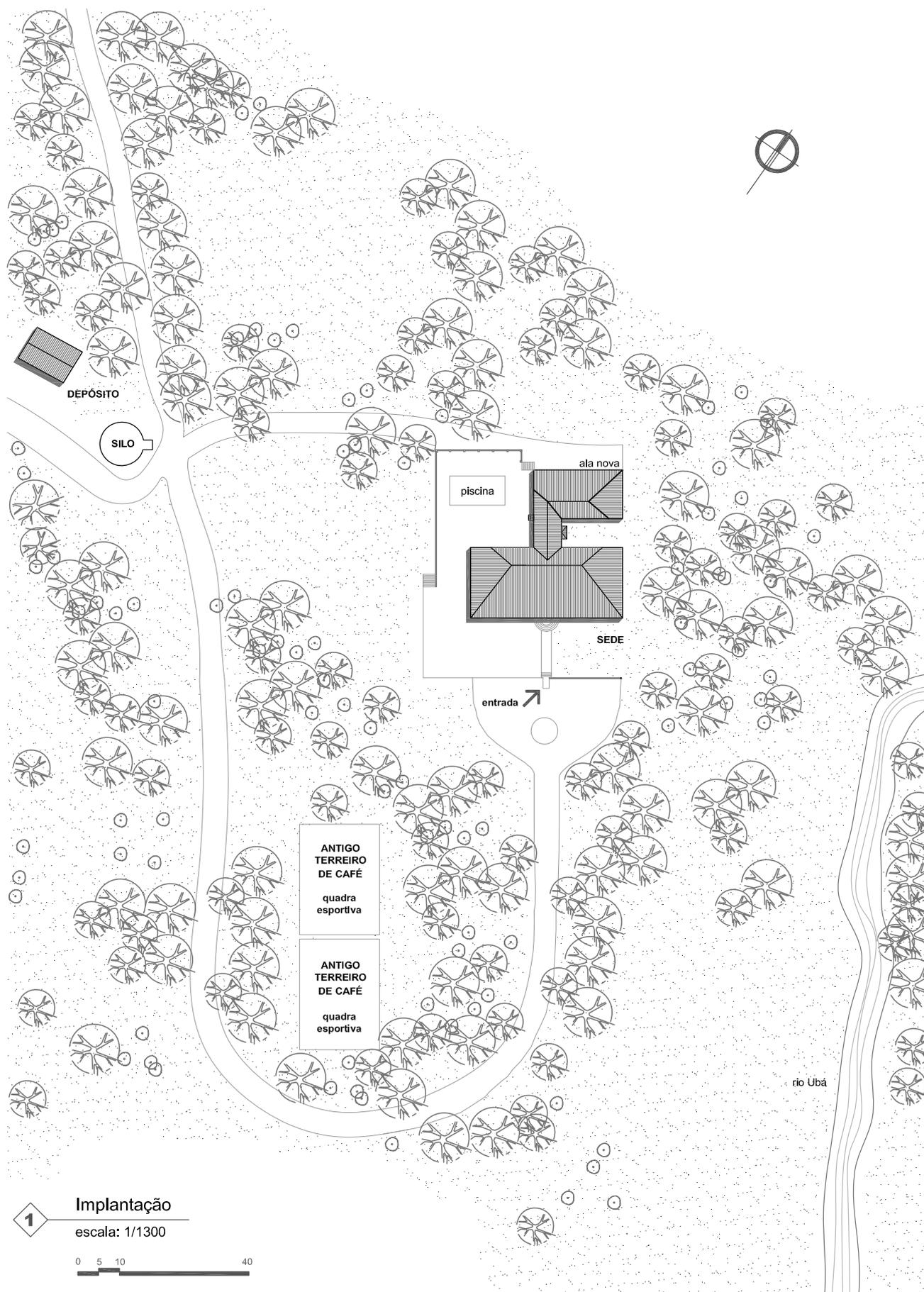


49



50

FAZENDA UBA



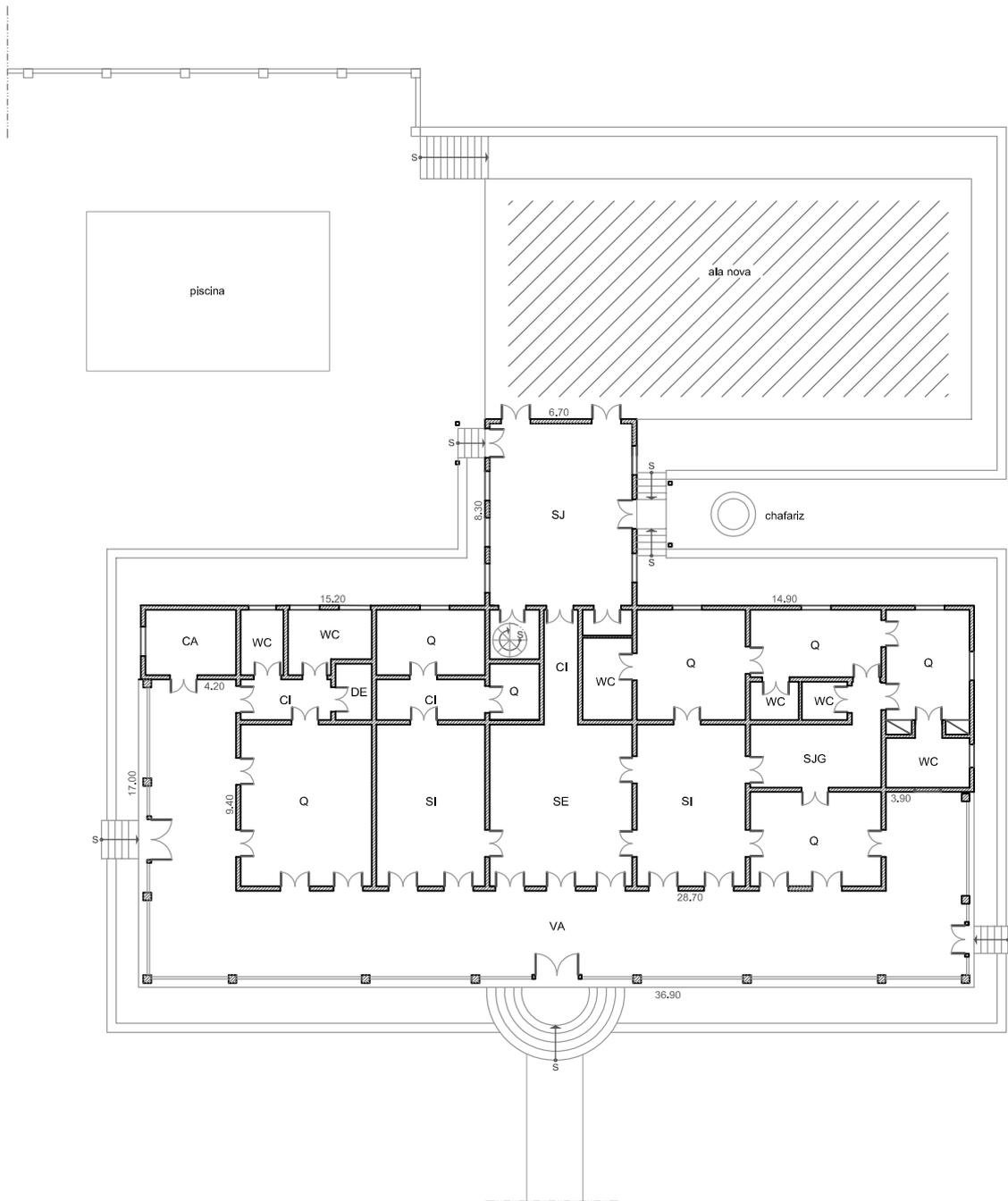
1 Implantação
escala: 1/1300



FAZENDA UBA

Observações:

1. A antiga cozinha da Sede localizava-se no espaço hoje ocupado pela sala de jantar.



1 Planta Baixa da Sede
escala: 1/300



CA - capela	CO - copa	CX - caixa d'água	SE - sala de estar	SJ - sala de jantar	Q - quarto	WC - banheiro	alvenaria existente
CI - circulação	COZ - cozinha	DE - despensa	SI - sala íntima	SJG - salão de jogos	VA - varanda	alvenaria demolida	

“O nome da fazenda, segundo Saint-Hilaire no relato de sua *Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas*, provém “de uma alta gramínea que cresce à beira da água comum nas vizinhanças do Rio Paraíba do Sul”. Embora a sesmaria de Ubá venha do século XVIII, durante tempos permaneceu abandonada, habitada somente por “índios selvagens”, mencionados pelo francês, até que José Rodrigues da Cruz vende sua participação em Pau Grande e, em 1801, se transfere para as margens do Rio Paraíba e funda a Fazenda Ubá, esforçando-se para conviver com os nativos.”

“A habilidade de José Rodrigues da Cruz fez com que os índios, bem-tratados, cooperassem no assentamento dos brancos. Os silvícolas de Ubá estimavam Cruz, que lhes fornecia alimentos e era por eles chamado de “o Velho Capitão”. O chefe Bocamã era-lhe especialmente devotado, e o fazendeiro teria realizado o seu sonho – uma colônia de indígenas pacíficos e trabalhadores – se Bocamã não morresse precocemente, deixando seu povo sem direção e sem conselho, à mercê de portugueses vizinhos que os atormentavam”.

“As terras de Ubá se estendiam pelo Vale do Rio Paraíba do Sul, desde as proximidades do Caminho Novo das Minas Gerais até a região banhada pelo Rio Paraíba e seus afluentes. Desde os primeiros anos, Ubá tornou-se um importante polo de suprimentos das necessidades básicas dos que faziam o percurso entre Rio de Janeiro e Minas Gerais. Suas terras eram ocupadas primeiramente com extensas lavouras de cana-de-açúcar, milho e mandioca. O profícuo trabalho de Cruz não duraria muito. Ele vendeu em 1806 a Fazenda Ubá a seu sobrinho, João Rodrigues Pereira de Almeida¹, que promoveu a edificação da bonita casa-sede como lá está hoje, para o encantamento dos que a visitam”.

“Sob administração de João Rodrigues, a fazenda foi pioneira ao se dedicar ao plantio do café na serra. E o fez de modo a repercutir na Corte, tanto que em 1828 recebia o título de barão de Ubá, em decreto do curto reinado de D. Pedro I. O barão, segundo observações feitas mais tarde pelo escritor exilado francês Charles Rybeirrolles, “não era apenas um agricultor. Era um homem de estudo e sociedade. D. Pedro I o fez barão de Ubá por serviços prestados à nação, e foi a ele que Saint-Hilaire saudou em seu relato, pela hospitalidade cortês que lhe proporcionou tão gratos dias”. De fato, lê-se na obra de Saint-Hilaire sobre Ubá: “Durante a minha estadia no Brasil não tive em parte alguma dias tão felizes. Todos os dias eu fazia longas excursões nas florestas e, às margens do rio, deparava uma porção de coisas conhecidas e entregava-me ao trabalho sem sofrer nenhuma das privações em que tantas vezes eram tão penosas nas minhas viagens”.

“A vida do barão de Ubá é exemplo de como a riqueza do café modificou hábitos e costumes. Enquanto os antigos senhores da fazenda eram rudes e de pouca instrução, o barão de Ubá surge na Corte como seu frequentador habitual, sociável, instruído, negociador de empréstimos na Europa, em 1821, e dono de mansão no Rio de Janeiro, prédio que mais tarde seria ocupado pelo Museu dos Pássaros e depois pelo Arquivo Nacional. O barão de Ubá faleceu em 1830, e a fazenda passou a seu filho, José Pereira de Almeida, que lá residiu e cultivou café até sua morte em 1874. Foi, portanto, o senhor do estabelecimento durante o auge do ciclo”.

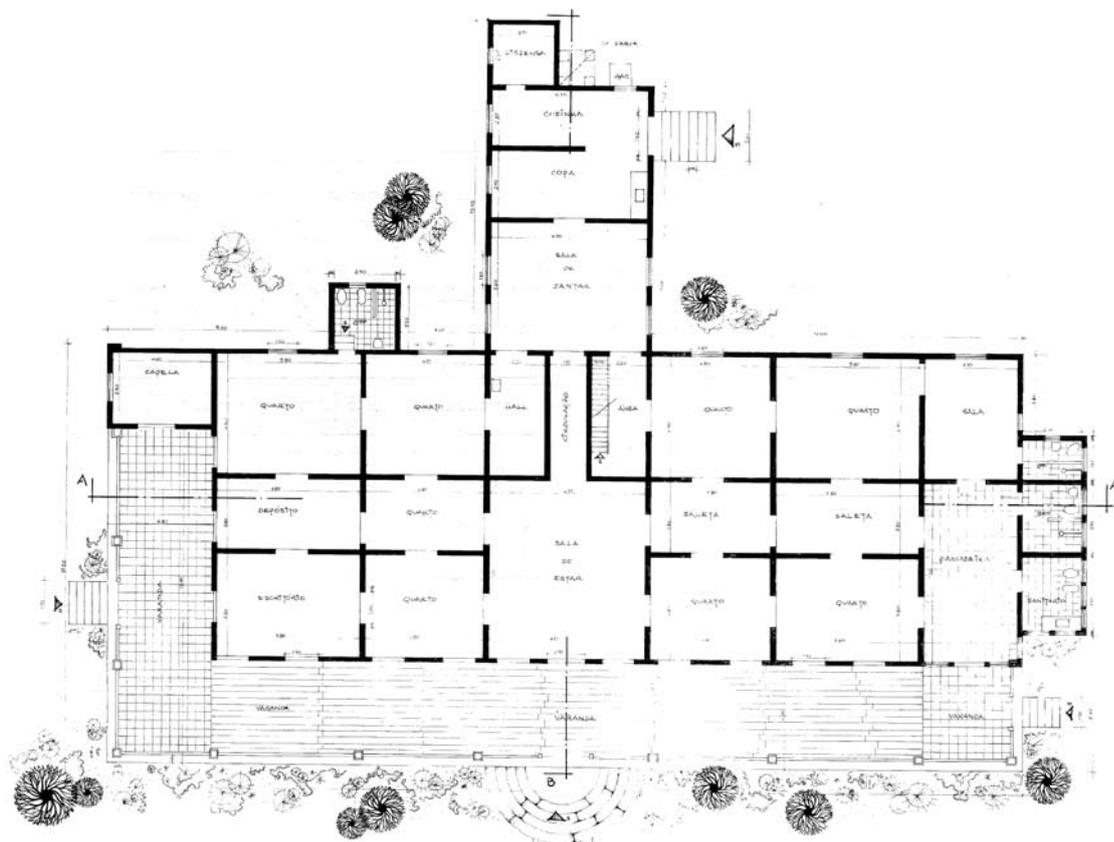
“Durante todo o século XX, a fazenda pertenceu a uma tradicional empresa agrícola, a Companhia Centros Pastoris, que durante anos teve como titular Armênio Rocha Miranda. Na década de 1970, passou a José Luiz de Magalhães Lins. Quando o casal Nininha e José Luiz adquiriu Ubá, a fazenda encontrava-se em estado de abandono, com o histórico engenho de açúcar e a senzala irrecuperáveis. A casa-grande foi completamente reformada, com total respeito às características originais. Construída no começo do século XIX, guarda o modelo residencial predominante no engenho de açúcar setecentista, com imponente varanda ao redor da fachada”.

“Atrás da casa foi edificada outra do mesmo estilo para instalar a infraestrutura moderna: cozinha, despensas, depósitos, lavanderias e aposentos, que permitiram que a casa original permanecesse autêntica, alojando a parte social e os dormitórios. O jardim surgiu do nada para imensos gramados, com canteiros, tufo de plantas e árvores ornamentais. Localizada à pequena distância do distrito de Andrade Pinto, Ubá está a 23 quilômetros do município de Vassouras, de cuja comarca faz parte. Mantendo extensa área de terra para os dias de hoje – 500 alqueires geométricos –, sua principal atividade é a pecuária de corte”.

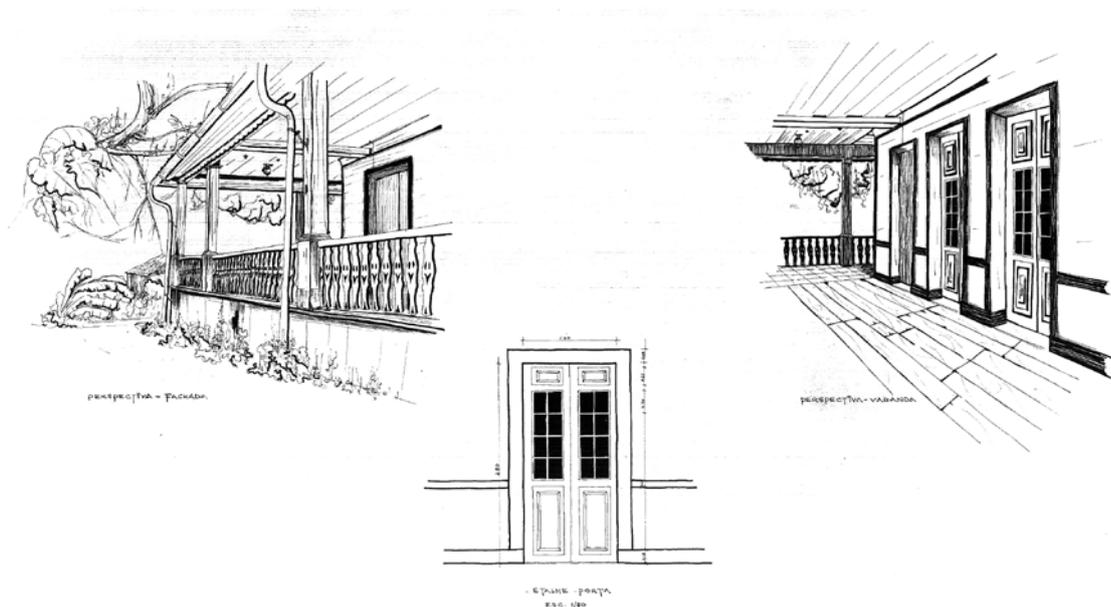
Texto extraído na íntegra do livro PIRES, Fernando Tasso Fragoso. *Fazendas: As grandes casas rurais do Brasil*. Rio de Janeiro: Abbevill Press, 1995. p.69-75.

¹João Rodrigues Pereira de Almeida era um *comerciante de grosso*, título fornecido pela Junta de Comércio do Rio de Janeiro para os grandes atacadistas que cuidavam da compra e venda de mercadorias em províncias distantes ou no exterior. No período da Independência, ele era um dos maiores comerciantes da Corte; sua empresa estava envolvida numa série de atividades complexas, negociando simultaneamente com centenas de pessoas em três continentes. Pereira de Almeida era “ao mesmo tempo, comerciante, banqueiro, industrial, armador – além de cortesão e manipulador político.” Ele integrara o grupo de comerciantes instalados na colônia que, desrespeitando as regras da metrópole, aderiram ao tráfico de escravos, considerado “o negócio mais lucrativo sobre a face da terra”. O lucro permitiu que se diversificasse os investimentos, como a compra de imóveis e o financiamento de escravos para os compradores. Com a vinda da Corte, os comerciantes foram atraídos para financiarem obras e melhorias de interesse real, recebendo em retorno cargos e títulos. Pereira de Almeida contribuiu generosamente para a fábrica de pólvora construída ao lado do Jardim Botânico, e foi nomeado major do Regimento de Milícias da Candelária; participou da constituição do BANCO REAL, do qual se tornou diretor, e recebeu a comenda de Cavaleiro da Ordem de Cristo. Em 1811, obteve o direito de cobrar impostos no Rio Grande do Sul, pagando um adiantamento fixo. Com essas iniciativas, conquistou prestígio e poder, e um passado impoluto. Em troca de financiamentos reais, Pereira de Almeida ganhou sesmarias em terras de difícil acesso, pelo que tratou de conseguir a construção de uma estrada, a Estrada do Comércio - que tinha início no Largo dos Ferreiros, no perímetro urbano da Vila de Iguassu, indo até as terras de Pereira de Almeida, em Paraíba do Sul –, onde passou a plantar um fruto que tinha boas perspectivas no mercado, o café. Com a volta de D. João VI, Pereira de Almeida vai com a família para uma temporada na Europa. Sua estadia foi interrompida pelo governo da Independência, que sequestrou seus bens, o que o obrigou a

requerer a suspensão da medida e a retornar ao país. Seus negócios eram dirigidos de um casarão da Rua Direita, que era, ao mesmo tempo, residência dos empregados, depósito de mercadorias, loja, escritório e local de reunião. O negócio principal ainda era o tráfico, para o que ele possuía uma das maiores frotas da cidade, com treze embarcações, que faziam a rota Rio de Janeiro—Luanda, e atendiam ao sul do país. No governo de D. Pedro I, Pereira de Almeida aderiu aos que combatiam a extinção do tráfico negreiro, exigida pela Inglaterra, grupo que acabou por derrubar o governo de José Bonifácio de Andrada, sucedido por Nogueira da Gama, cunhado de Carneiro Leão, o maior traficante da Corte. A política financeira do governo, que cobria suas despesas com a emissão de papel-moeda sem lastro em ouro, desvalorizou a moeda frente à libra. Para sobreviver à crise, Pereira de Almeida seguiu os conselhos do seu jovem guarda-livros, Irineu Evangelista, o futuro barão de Mauá, liquidando seus ativos para pagar dívidas, e salvar o patrimônio investido em imóveis e fazendas. Nessa altura, D. Pedro I, na busca de aliados, concedeu a Pereira de Almeida o título de barão de Ubá, nome tirado de sua fazenda de café predileta. O barão de Ubá morreria em 1830, em sua fazenda. Ele era irmão de João Rodrigues Pereira de Almeida. Segundo *genealogia.netopia.pt*, ele foi casado com Carolina Valluty (1822-1891) (Por Ana Pessoa. Resumo a partir de *Mauá, empresário do Império*, de Jorge Caldeira. São Paulo : Companhia das Letras, 1995).



Planta baixa - Arquivo INEPAC, fonte: FABP/FERP, c.1970)



Detalhes - Arquivo INEPAC, fonte: FABP/FERP, c.1970